



**em tempo  
de Advento**

ÀS QUATRO SEMANAS QUE antecedem o Natal chamamos «ADVENTO». A palavra é latina e significa «vinda». O termo traduz a palavra grega «parousía» que, nalguns autores do Novo Testamento (a palavra está ausente de Marcos, Lucas e João), se refere à segunda vinda de Cristo. O Advento assume, assim, um significado duplo: estamos a preparar-nos interiormente para celebrar o nascimento de Jesus; mas o nome deste período espiritual direciona o nosso pensamento para o fim dos tempos. O Advento é um início que aponta para o fim. A ideia de início é a que mais me toca no Advento: começar de novo, começar do zero. Em 1912, numa série de conferências que deu na Suíça (Basileia) sobre o Evangelho de Marcos, Rudolf Steiner propôs esta ideia extraordinária: o Cristianismo, ainda agora, está apenas no seu começo. Esta noção - de que os 2000 anos que nos separam do nascimento de Jesus não são mais do que um átimo - convida-nos a pensar. Uma coisa é certa: basta olhar para o mundo à nossa volta para vermos que a mensagem de Jesus se torna mais actual com cada século que passa. É mais actual hoje do que no ano em que Steiner escreveu: em 1912, nem a 1.<sup>a</sup> Guerra Mundial tinha ainda acontecido. Olhamos para trás e a consciência da História diz-nos isto com a maior acuidade: a mensagem de amor e de paz é mais necessária hoje do que alguma vez foi. Gosto da ideia de Steiner, de que o Cristianismo ainda hoje só deu os

primeiros passos e que ainda tem pela frente (nas palavras de Steiner) um «grande desenvolvimento». Atingir esse desenvolvimento implica a transposição para a prática dos ensinamentos de Jesus. E os primeiros a serem chamados a fazê-lo são os próprios cristãos. Não serei o único a ter estranhado tantas vezes na minha vida os comportamentos chocantemente anti-cristãos (não me refiro a sexo) de pessoas conhecidas por serem frequentadores assíduos da Igreja. Tal como David Bentley Hart escreveu na contracapa do mais recente livro de Isaac Portilla («What Christ Said»), a história do Cristianismo consistiu em grande parte na tentativa por parte dos cristãos e das suas instituições de fingir e esquecer o que Jesus pediu aos seus seguidores que fizessem, por vezes arvorando o contrário daquilo que Jesus disse na religião de Cristo. A beatice católica e o extremismo protestante não são alternativas válidas a sermos cristãos a sério. O Advento pede-nos que deixemos de nos fazer de desentendidos. Na preparação para a festa lindíssima do Natal (se quisermos mesmo que o Natal seja lindíssimo), dediquemos atenção redobrada àquilo que o Menino no presépio veio ao mundo para dizer. Porque é nas palavras dele que está a «vinda» dele. No apócrifo Evangelho de Tomé (Dito n.º 38), Jesus diz esta verdade irrecusável: «Muitas vezes desejastes ouvir estas palavras que eu vos digo; e não tendes outro de quem as possais ouvir». Sem dúvida.

# na Festa da Imaculada

**N**OSSO PAI DO CÉU podia ter escolhido para mãe do seu filho, uma bela princesa daquelas que são admiradas e cobiçadas nos salões da nobreza e da burguesia. Mas é assim que nós vestimos e pintamos a nossa mãe e mãe de Jesus!!! É assim que a colocamos nos altares, adornada de pérolas e ouro e tratamo-la de rainha disto e daquilo!...

Nosso Pai do Céu escolheu para mãe do seu filho, uma rapariga simples, filha de gente pobre numa aldeia desconhecida. « *De Nazaré pode sair alguma coisa boa?*» (João 1: 43-46)

Como são diferentes dos nossos, os critérios de Deus?

Ela concebeu e ficou mãe de Jesus, desde o momento, em que ela aceitou que a força do Espírito Santo descesse sobre ela e fizesse dela a Mãe de Jesus, o filho de Deus. Maria aceitou ser mãe de Jesus, como servidora da vontade de Deus. “*Faça-se em mim, segundo as tuas palavras, porque sou a escrava do senhor.*” (Lc 1,

38) Fazer a vontade de Deus já era a grande preocupação de Maria. Ser a mãe do filho de Deus foi ser mãe de muitas dores.

Começou logo por ter de anunciar a seu marido, José que estava grávida dum filho que não era dele. E as coisas estiveram de tal modo complicadas, que José pensou abandoná-la. Maria correu o risco de ficar mãe solteira numa terra e numa cultura em que ela poderia morrer apedrejada.

José foi também favorecido por Deus. O anjo dos sonhos de José lembra-nos de que ele passou noites sem dormir, a pensar no que ia fazer da vida dele. E Deus o ajudou a respeitar e a acolher Maria como sua mulher.

Na ideia que José fazia de Maria não entrava a possibilidade de que Maria lhe faltasse ao respeito ou por uma vez, o deixasse de amar.

Para todos os que conheciam aquele casal, José era o pai de Jesus. Ele o acolheu como seu filho, o educou nos seus

valores, nas tradições e na fé do seu povo, o ensinou na sua profissão. Os Evangelhos nos dão conta disso mesmo. *Não é este o filho do carpinteiro? e não se chama sua mãe Maria, e seus irmãos Tiago, e José, e Simão, e Judas?. E não estão entre nós todas as suas irmãs?* (Mat13, 55-56). Maria foi esposa de José e mãe de Jesus. E eles o educaram numa família normal com irmãos e irmãs, filhos de José e o ensinaram a ganhar a vida.

Para alimentar uma família numerosa, sem recursos, todos tinham de trabalhar. Eu imagino Maria, a mãe de Jesus a cuidar da sua casa, a dar ordens às crianças para arrumar e limpar isto e aquilo e buscar água e lenha, para que todos tivessem o necessário. Eu imagino Maria, a mãe de Jesus a cuidar da sua criação e da sua horta, dos seus mimos, para ter que deitar na panela e pôr na mesa, o suficiente para aconchegar o estômago, refazer as energias e dar prazer e alegria a toda a família. Eu imagino Maria como via fazer a minha mãe.

Ser a mãe do filho de Deus

foi ser mãe de muitas dores. Dalgumas dores nos falam os Evangelhos e por isso, foram evocadas pelas primeiras comunidades e guardadas nos Evangelhos. Aos doze anos, perderam Jesus e procuravam-no, por todo o lado. Jesus parece ter saído de casa para a pregação, sem que isso tenha sido assumido pela sua família. Sua mãe, seus irmãos foram à procura dele, para o dissuadir. *E a multidão estava assentada ao redor dele, e disseram-lhe: Eis que tua mãe e teus irmãos te procuram, e estão lá fora.* (Mc 3, 32)

Quando Maria respondeu que aceitava a vontade Deus, porque se considerava sua escrava, sua filha não devia ter pensado que assistiria àquela morte de seu filho, como um criminoso. Ela, a mãe não arredou pé. Cada golpe no seu filho, era um golpe no seu coração.

Que Maria já era querida pelos seguidores de seu filho, atestam-no, as mulheres que a acompanhavam. A essas mulheres e a João, ela nos foi dada como mãe e mãe da Igreja.